



```
size(640, 640);  
background(255);  
for (int i = 0; i < 80; i++){  
  float x = randomGaussian()*40;  
  stroke(random(50));  
  strokeWeight(random(20,80));  
  ellipse(random(80,580), random(80,580), x, x);  
}
```

2016 - Nº 18
BELO HORIZONTE
MARÇO



o n u s c r i + o s



calor de Maracaibo

adriana morán sarmiento

comunicadora venezuelana

O escritor venezuelano Norberto José Olivar (1964) sempre foi um homem inquieto. Com um olfato para captar as boas histórias, que se gestaram na cidade banhada pelo sol, onde seus habitantes moram entre fantasmas, contos de piratas e 40 graus de temperatura todo o ano. Dizem que entre o clima sufocante, uma lagoa abandonada à contaminação e ao esquecimento, e a maldição do petróleo, Maracaibo se aferra a um passado de que ninguém fala e a seus mortos. Heróis ou vilões, sempre os seus mortos. Olivar os ratifica.

Foi com *Morirse es una fiesta* (2005), um “romance para os amigos”, lançado por uma editora experimental, que descobri o Norberto que queria ler. Um escritor irônico e divertido, com uma dose de realidade assombrada, que ultrapassou sua literatura e que impregnou seus livros sobre vampiros, lobisomens, misteriosos assassinatos e escritores suicidas. Muito disso há em *El príncipe negro*. Literatura gótica, na qual o protagonista, professor universitário que ressuscita em alguns livros de Olivar, vive entre referências literárias para justificar o suicídio. Romance que limita entre a ficção e o ensaio, no qual Norberto José Olivar decide o suicídio de um dos seus escritores favoritos: Enrique Vila Matas, e este, agradecido, presenteia-lhe o posfácio.

Adriana Morán Sarmiento nasceu em Maracaibo, Venezuela. Formou-se como Comunicadora Social na Universidad Católica Cecilio Acosta, Mestre em Comunicação e Criação Cultural na Fundação Walter Benjamin-Universidad Caece (Buenos Aires, Argentina) e Doutora em Arte Contemporânea Latino-americana na Universidad Nacional de La Plata (Argentina). Atuou como jornalista em diversos meios e instituições na Venezuela e na Argentina. Em 1999 fundou a revista *Guiarte* e, em 2004, reabriu a *Librería Kuai Mare Maracaibo*. Entre 2008 e 2010, foi assistente na Coordenação - Venezuela na Rede Cultural MERCOSUL. Publicou *Yo soy el mensaje. Ensayos de gestión cultural* (ÚNICA, 2009); *Buenos Aires, la otra ciudad. Una mirada del extranjero en tránsito* (Edición independiente, 2009) e *Crónicas repetidas* (Exposición de la actual narrativa rioplatense, 2014). Atualmente mora em Buenos Aires e dirige a editora e livraria *La Vaca Mariposa*.

Arte digital

Marília Bergamo

marilialb@eba.ufmg.br

Imagem criada com o software livre

Processing (www.processing.org)

ramalhete

editora

a.ramalhete.bh@gmail.com

Rua Domingos Vieira, 319, sala 1008,
B. Santa Efigênia, Belo Horizonte, MG

(31) 25351901 - [facebook/editoraramalhete](https://www.facebook.com/editoraramalhete)



ranscrição de um caderno inútil

1

A primeira vez que escutei os tambores do país dos suicidas, era um imberbe ossudo e com mau hálito. Lembro que meu primo Heimar, outro imberbe desgrenhado e com espinhas no rosto, me acordou, em uma nublada e calorosa manhã de agosto, em plenas férias do colégio e disse, com olhos brotados e tremendo de medo, que Isidro havia se enforcado na planta de nespereira do pátio de sua casa.



As pessoas se aglomeraram em frente de onde morava Isidro. Poucos se atreveram a entrar. Heimar e eu, sim, e olhamos o tempo todo até que a polícia, fazendo malabarismos, desceu seu corpo. O deitaram numa maca de metal e o pai dele, com uma lentidão triste, cobriu-lhe com sua manta favorita, quero dizer, com a manta que Isidro usava pelas noites e que tínhamos visto muitas vezes na sua cama.

Quando penso em Isidro, não o lembro jogando beisebol, senão na cima da nespereira, com os braços caídos, a língua fora, de lado e enegrecida. Ainda bem que fechou os olhos, porque a forma oblíqua com a qual olham os mortos é mais feia ainda. E não posso tirar da cabeça o parcimonioso movimento de metrônomo do corpo lá em cima, até que os policiais, suados e agitados, cortaram a corda de nylon amarelo que lhe quebrou o pescoço.

Diz Javier Marías que não se pensa nunca que se pode morrer no momento mais inadequado, e que ninguém haverá de morrer junto a nós, mas acontece o tempo todo. Isso me fez pensar em Isidro, mais uma vez, mas no Isidro morto e não, no Isidro que atalhava bolas altas no campo do Udón Pérez.

A morte tem este defeito, quando chega apaga tudo e se incrusta como a última imagem que vamos reter, igual à que os olhos da vítima quando guardam o rosto do assassino.

Assim foi a primeira vez que ouvi o tamtam dos tambores do país dos suicidas, os mesmos que escutava Rosa Schwarzer –a vigilante da sala do Kunstmuseum, dedicada a Paul Klee– proveniente de uma das obras: O príncipe negro. Um sonoro e maligno quadro que provoca a morte de quem olha.

Eu jamais tinha visto essa pintura, por sorte, mas o tamtam dos tambores perfurou meus ouvidos esse dia, como se o mesmíssimo Isidro os tivesse trauteado do alto da nespereira. E, cada noite, ressoam no meu quarto, no interior desse quadro que nunca tinha visto, repito, por sorte, repito, mas que me persegue como no relato de Vila-Matas, que reli, com estupor e complacência.

norberto José olivar

El príncipe negro.
(Lugar Común, cooperativa editorial, 2012.
Caracas, Venezuela)
Ilustraciones: Enrique Bravo



CONFISSÃO

(lendo Toninha)

teu eterno sorriso
segredo dos meus sonhos
neles
aponho meus desejos
um tanto criança
um tanto eróticos

um pouco
do pouco que cismo
com minha lucidez
com minha loucura

meu degredo
meu medo
meu segredo
o que de mais lindo irei te dizer

cícero christófar
habitorquideas@gmail.com

ÊXTASE

Juntar letras
formar palavras
Meu primeiro êxtase

Aqueles
as es is os us
aqueles bes e
aqueles bas
eram todos vivos

Suas combinações
tinham lógica
Cada palavra
uma verdade
revelada

A cartilha
livro dos mistérios
iniciação minha
Sempre a frente
uma lição

Júbilo de ir só
poder de adivinhar

flausina marcia
flausinasilva@hotmail.com

OFÍCIO

certas ideias
só trabalham
no ócio

joão diniz
Ábaco - Asa de Papel

Quando o verso não vier,
acenda uma vela
e reze para Baudelaire.

filipe chaves
filipixies@gmail.com



[gostava de matar a sede a conta gotas, porque assim o gosto da falta não morria]

luana vitra

SONETO DAS MUTAÇÕES

Ninguém pode fazer o que não sonha.
Das mil formas possíveis e impossíveis,
no sonho grassa o pêndulo da opção
ou do desejo que semeia os sonhos.

Este átrio antigo, aquele templo vago
e o dedicado entalhe das colunas
são ruínas de sonho onde areias ardem
e o claro Apolo já não é sonhado.

A teleimagem, a Física de Einstein,
a fábula das máquinas aladas
foram um dia o sonho de um alguém,

Ou de alguns poucos, ou de um povo inteiro
que na bruma sonhara. E o sonho agora
de um novo tempo a conjunção prepara.

bruno giannetti

O interno baile - Manuscritos

A SOMBRA

A minha sombra
acelera suas passadas
parece correr de mim
libertar-se das amarras
sumir no sem fim,
a pequenez e a grandeza
da minha condição humana
é conflito que a sufoca.

luiz cláudio de paulo

Poesia Ponte Aérea - Editora Lesma

SALA

Minha casa tem uma sala
de
comer/dançar/ouvir/falar
sorrir/cantar/dormir
amar/brincar/jogar
ler/escrever/contar
tocar/beber/chorar
É uma sala de estar
e de infinitos infinitivos.

marcelo xavier

Tempo todo - Asa de Papel

p o e s i a





elegância do ritmo e da rima

Nascido em 1964, Fernando Righi Marco escolheu o discreto contrabaixo como instrumento de ofício nas dezenas de bandas em que atua desde a década de 1980, época em que também se iniciou no jornalismo. Acostumado com as exigências dos compassos musicais e dos deadlines da redação, o poeta ainda se angustia com a eternidade e seu conceito de ausência de tempo.

Na época do lançamento de “Cinco Impressões de Meu Tempo”, registrava o saudoso crítico Alécio Cunha: “O ofício da poesia ganha o esmalte da crônica, não a frágil e iluminada substância vítrea, mas algo fluido (...) que navega no sangue”.

Já no epifânico “O Mundo como vontade de Chupar Laranjas”, cujo título parodia “O Mundo como Vontade de Representação”, de Schopenhauer, decretou o artista plástico e também escritor Marcelo Xavier: “Fernando Righi repete Magritte e sinaliza: não há mundo, não há vontade de chupar laranjas, não há laranjas. Há poesia”.

A seguir, você acompanha entrevista concedida por Fernando Righi aos amigos Marcelo Xavier e Álvaro Gentil.



e n t r e

Quando você começou a se entender poeta ou perceber que a poesia fazia parte de sua vida, a ponto de transformar isso em livro e a poesia em ofício?

A poesia, a música, a pintura, as artes plásticas, isso é muito próprio da minha geração, nos anos 1970, que pegou os ecos do renascimento do movimento hippie. O que parecia ser mais interessante do que ter uma carreira grandiosa era expressar-se, era a forma de cada um ver o mundo. Desde cedo na minha casa havia poesia, a gente aprendia a ler poesia na escola. Mas na década de 70 a gente se perguntava: por que não escrever poesia, por que não fazer a minha música? Então eu toquei em bandas nos anos 80, a carreira naufragou, e eu continuei a me expressar com a minha poesia, o que já fazia desde os 16 anos. Eu fiz um livro xerocado aos 18, depois fui me dedicando com mais afinco, fui me desenvolvendo, e publiquei mais velho, aos 40, o meu primeiro livro, Estrelas nos olhos, vagalumes na cabeça (Ed. Manuscritos).

Por que escrever poesia?

A poesia de fato me tocou naqueles momentos de menino, meu irmão recitava Castro Alves, meu pai gostava muito de poesia, a influência familiar é forte. Quando se é pequeno, a gente nota a força da palavra, se encanta. A poesia não é a palavra dita, é a palavra elegante, com ritmo, com rima. A gente desperta para isso, depois vai levando como um pensamento elegante, vai elaborando, a poesia passa a fazer parte da gente.

Isso se liga a outra área em que você atua, a música. Todas essas áreas ligadas a alma humana, à criação, como a palavra escrita e falada, a música e as artes plásticas, são três campos que trabalham com ritmo, com tonalidades, não?

Sim, mas curiosamente eu trabalhei com as duas linguagens, a poesia e a música, em tempos diferentes. Uma tem a ver com a outra. Só que, em termos de atenção, ou eu dava atenção a uma ou a outra.

Você hoje se enxerga mais poeta do que músico?

Não, eu sou os dois, mas eu nunca fui compositor. Fui instrumentista, que cantava algumas coisas. Eu tinha aquela coisa dos anos 60, eu queria um pouco de tudo, cantar um pouco, tocar um pouco de violão, de baixo, de bateria, queria escrever um pouco, se pudesse pintar...

Você tem uma cabeça enciclopédica, isso é um talento. Como isso influencia o seu trabalho?

Papai tinha uma biblioteca muito grande, ele tinha um dicionário enciclopédico da Lello e Irmãos, uma edição de 1929, com muitas figurinhas, que ficava ali, meio jogado no canto, todo ensebado, sem capa... Como ninguém ligava, ele virou minha cartilha. Era minha diversão em dias frios, em dias solitários, eu ficava rebuscando aquilo. Eu gostei e comecei a me interessar por assuntos variados. Tinha fase em que eu estudava anatomia, fase em que eu estudava astronomia, época que eu estudava países, era uma coisa minha mesmo, apareceu. Nesse aspecto o jornalismo acabou se tornando um caminho, porque o jornalista é um generalista.

Você escreve também para atenuar sua angústia existencial, perdas, morte?

É, mas não adianta nada. A única coisa que resolve é pensar "depois que eu morrer eu ainda serei lembrado, quem sabe?".

O que você pode nos dizer sobre o Fernando poeta de hoje, sobre o que você tem absorvido da poesia que está sendo feita no mundo e na nossa cidade?

Eu nunca vi um momento tão bom para a poesia nos últimos quinze ou vinte anos, quanto os dias de hoje. Em parte, porque o processo barateou e muita gente consegue lançar um livro a um bom preço e fazer circular. Está havendo muitos saraus em Belo Horizonte. O que está faltando é o poder público, principalmente as escolas municipais, a Fundação Municipal de Cultura, participar mais, incentivar a leitura de poesias nas escolas, levar os poetas belo-horizontinos para as escolas, fazer oficinas.

Qual sua expectativa em relação a sua obra?

Eu não tenho expectativa nenhuma. Tem autores que são conhecidos no Brasil, tem autores que são conhecidos, ou pelo menos tentam ser conhecidos, no local em que atuam. A gente tem aqui uma colonização cultural muito grande no eixo Rio-São Paulo. Eu não vejo a perspectiva de cair lá tão cedo, porque eu teria que abdicar do meu ganha-pão, da minha profissão, para enfrentar aquilo ali com resultados duvidosos. Então por enquanto me basta o primeiro estágio, tentar batalhar aqui na minha aldeia, no meu povo. A minha linguagem não é o mineirês, minha linguagem é do mundo, eu não tento fazer essa coisa de conto mineiro, histórias mineiras. Quem sabe em alguma hora eu vou para o segundo estágio? Se não, isso já me serena.

v i s t a



ita longa, ars brevis

fernando righi

O Monstro do Arrudas & Outras Lamas

“Uma rima que me redima e que me torne eternamente amado, como Bilac ou Drummond!”, azedava Ricardo, que há tempos andava às turras com a sua arte. Publicara meia-dúzia de livros de poesia que considerava de boa qualidade, mas nunca obtivera uma avaliação mais profunda desses pensamentos sofisticados, além dos suspeitos elogios dos amigos. Ansiava por críticas, nem que fosse as mais azedas e destruidoras, que o levassem enfim a abandonar o que os parentes consideravam um mero capricho.

E parecia mesmo! Encalhes dessas seis edições brotavam de todos os cantos da casa – dos maleiros, de cima das estantes e dos lugares mais inusitados, como dos armários da despensa. Ainda bem que não tinha mulher nem filhos que o censurassem ou o enchessem de culpas pelo literal acúmulo de ideias.

Naquele tempo, publicar uma obra, por mais irrelevante que fosse, custava muito pouco. A informatização do processo — que desempregou, da noite para o dia, tipógrafos, revisores e ilustradores — permitiu condições de igualdade para que uma multidão de escritores buscasse seu lugar ao sol. Mas como o Capital é cruel, o que deu com uma mão retirou com a outra, o desafio passou a ser a distribuição — como fazer o livro chegar ao leitor.

Talento literário passara a ser coisa secundária, diante ao que chamavam “estratégias de marketing”. Alguns se empenhavam numa estudada e cuidadosa imagem pessoal, cada qual representando o personagem artístico mais adequado aos seus objetivos “mercadológicos”, alguns exagerando numa dose de excentricidade, que desafiava o bom gosto; outros articulavam relações estratégicas que permitissem endossos importantes; havia também os verdadeiramente esforçados e ainda os mais afortunados, cuja fortuna sobrepujava a obra. Poeta bons e poetas ruins, poucos com talento verdadeiro, mas todos, de fato, poetas que buscavam seu quinhão de reconhecimento.

Ricardo era uma nulidade em marketing pessoal. Se o tivesse, preferia aplicá-lo nas conquistas amorosas do que em insônias e angústias que enchiam páginas e mais páginas de seus escritos famintos. Envelhecia por isso. Já tentara distribuir suas obras entre livreiros que, quando não desdenhavam seu nome desconhecido, eram sempre pródigos de sorrisos antes de esconderem seus títulos atrás das prateleiras ou os perderem no estoque.

Estava farto! Numa dessas noites de desespero doído, Ricardo esquematizou uma ação que poderia lhe render notoriedade. Anunciaria seu suicídio poético ao meio-dia, na praça mais movimentada da cidade. Quando chegassem equipes de TV e jornais, tacaria fogo numa pilha feita com os seus livros e dançaria nu em torno da fogueira, entoando cânticos ensandecidos e incompreensíveis. Mas tinha vergonha, pois seu era pênis pequeno. Além disso, um ato tão tresloucado, sem uma justa medida de dramaticidade, poderia implicar sua ruína eterna. Ninguém perdoa uma péssima atuação. Recuou.

Atravessou longos meses remoendo seus ais. Na maioria do tempo, se autointitulando um “despoeta”; nas raras vezes em que escrevia algo de que se orgulhava, proclamava-se “repoeta”. Andava numa bipolaridade de fazer dó nos poucos amigos e confidentes. Passou a preferir a solidão, mas, para não se deprimir muito, cultivava uma solidão visível e mais ou menos sadia nos parques ensolarados. Num desses dias de serenidade e contemplação, vendo uma rapariga que lia à sombra de uma mangueira em flor, teve uma iluminação: lembrou-se de algo dito por Sartre que lera há alguns anos: “A absoluta liberdade do escritor só se realiza e se completa na absoluta liberdade do leitor: ‘Vocês têm plena liberdade de deixar este livro sobre a mesa. Mas se o abrirem, ficam responsáveis por ele’”.

“O leitor é eternamente responsável pelo poema que cativa...”, murmurou lentamente Ricardo, com um riso irônico no rosto e o olhar alhures, quase chegando aos anéis de Urano. O plano era simples de executar e não exigiria esforços de sua acanhada pessoa. Deixaria um de seus livros num banco de praça, para que alguém, um desavisado qualquer o tomasse para si. Se não gostasse, deixaria ali até que outro o folheasse. Gostando de poesia, o desconhecido levaria a obra para a casa e ele conquistaria um leitor. Pimba!

O artifício seria repetido em todas as praças das cidades, nos ônibus coletivos e cafés movimentados até que seu nome começasse a percorrer as bocas de fãs desconhecidos. Meses depois, um jornalista talentoso encontraria o autor e o sucesso pelo qual trabalhou por duas décadas, aconteceria da noite para o dia... Perfeito arranjo na contramão das agressivas ações de marketing perpetradas pelas celebridades instantâneas. Seria, em diante, o poeta mais amado de sua grande cidade, com direito a ter algumas rimas decoradas por alunos da escola pública.

Escolheu uma tarde de terça-feira para executar seu brilhante plano, quando as pessoas estão menos dispostas a correria dos dias. A praça inicial, marco zero de seu sucesso vindouro, ficava diante de um quartel da Polícia Militar, o que desestimula a atenção dos frequentadores diante a uma ilusória percepção de segurança pública. Sentou-se numa fileira de bancos próximo a um parquinho infantil. Ficou estudando o momento correto. Fumou um cigarro, deixou que os ponteiros das horas caminhassem um pouco até levantar-se lenta e despreocupadamente, deixando sobre o banco um exemplar de seu segundo livro, o mais enalçado e profundo de todos.

Mal deu dez passos e ouviu a voz feminina que o chamava: “Ei, o senhor se esqueceu do livro”. Fingiu que não ouvira e continuou a andar mais lento, porém quase titubeante. A senhora avisou mais uma vez, com uma entonação de voz, que encheria de orgulho qualquer sargento da força feminina. Não à toa, ela despertou a atenção de um militar que

e n t r e

deixava o quartel e, como se sabe, esses caras sempre estão atentos a qualquer coisa que fuja à normalidade. O soldado se aproximou.

Um frio nada poético percorreu a espinha de Ricardo, que ficou paralisado na sua fuga desajeitada. Virou-se com um sorriso meio amarelo e retorquiu. “Não sei do quê esta senhora está falando. Eu nem gosto de leitura. Estava aqui esperando dar a hora de pegar uma lotação mais vazia”, respondeu gaguejante, despertando mais suspeitas. “Eu vi, seu guarda. Ele deixou este livro aqui e saiu. Que coisa mais esquisita. Pareceu coisa de terrorista”, abelhou a mulher que nem tinha cara de intimidades com as notícias do mundo.

Num tom firme e autoritário dos que se habituaram em medrar meliantes e desocupados, o soldado inquiriu Ricardo. “Seu nome, por favor!”. Ele começou a suar, disse o nome, sobrenome e por pouco não revelou a senha bancária e rezou uma Ave-Maria clamando clemência. “Hum, então o senhor é autor deste livro. Por que o deixou aqui? Há alguma coisa de muito suspeita nisso. Contém algum código que, felizmente, foi interceptado a tempo por esta cidadã de bem? Vamos averiguar essa história direitinho”, disse, tirando de seu cinto de mil e uma utilidades, um walk-talk para acionar a viatura mais próxima da área.

Uma multidão foi se juntando. Ricardo cada vez mais nervoso. Suava e se angustiava mais do que em seus versos. Malditos versos. Chegou a viatura cantando pneus, de onde desceu um sargento, comandante da viatura, e dois soldados, todos batendo as portas com o vigor de um filme norte-americano. O sargento começou a interrogá-lo. Ricardo respondia a tudo tão acanhadamente sussurrado, que obrigou ao seu interlocutor revelar seu tom predileto de rispidez militar: “Fala direito, cidadão. Que história é essa de livro? Ato terrorista ou tráfico de drogas?”. Ricardo então tomou forças e contou sua história de uma forma tão pueril, que acabou amansando o coração do militar: não conseguia vender seus livros, deixara um exemplar largado para que algum desconhecido pudesse conhecê-lo e amá-lo. Um ato de desespero cultural num mundo de brutos e iletrados!

O sargento folheou o objeto, viu aquele monte de letrinhas dispostas em estrofes, a foto do autor que combinava com ao cara amassada do suspeito e deu-se por convencido. “É, mas temos que levar o poeta para um passeio. Como o Esteves aqui nos acionou, gerou uma ocorrência que só pode ser encerrada na delegacia. Fica tranquilo. Vai que algum detetive ou o delegado tenha veia poética e compra um livro seu. Vamos andando”, ordenou burocraticamente, sem direito a protestos.

Foram. Entrou na viatura de cabeça baixa, humilhado como um criminoso vulgar. Não como um altivo herói dramático que se entrega ao seu destino. Quarteirões à frente, desembarcaram todos numa repartição da Polícia Civil. O sargento procurou o escrivão, relatou o caso e todos riam entre si, enquanto Ricardo desolou-se num banco ensebado de delegacia. Surgiu um repórter policial, daqueles bem medíocres e, por isso, nem um pouco cansado das matérias cotidianas do mundo-cão. Farejou uma história que daria alguma audiência ao seu programa de rádio.

Confabulou com os homens da lei, gravou umas falas e, por fim, aproximou-se de Ricardo. Mal começou a entrevista, o escritor constrangido e nervoso relatou sua história de jeito confuso, entrecortada por lágrimas e soluços. Foi um vexame completo. Fotógrafos de jornais sensacionalistas registraram todos os ângulos ridículos do estropiado poeta. Não deu

outra. As manchetes do dia seguinte foram criativas: “Solta as palavras e vai parar na delegacia”, “Escreveu e não vendeu, o pau comeu” ou “Poeta solta o verso e é preso”.

Esclarecido o mal-entendido, a lei se apaziguou. Terminava ali seus limites onipotentes e oniscientes. Para Ricardo, no entanto, o drama apenas começara. Piada predileta entre os amigos e os inimigos, não conseguiu fazer uma deliciosa limonada com os azedos frutos de notoriedade que o destino lhe dera. Demitiu-se do emprego, ficou mais de mês sem nem atender ao telefone, tomar banho ou escovar os dentes. Seu desânimo fedia.

Por fim, reagiu de uma hora para outra. Longos momentos no chuveiro, com direito a uma desafinada ária de Leoncavallo, se barbeou, se perfumou, resplandeceu-se afinal. Considerava-se curado da asma literária, da qual se julgava doente (dizia ele que os romancistas eram os verdadeiros mergulhadores no profundo mar da literatura; a poesia, por ser gênero de texto curto, com pouco fôlego, era coisa de artistas asmáticos).

A vaga providencial e benfazeja numa repartição pública em Goiânia completaria sua convalescência. Os seus livros encalhados? Estava bem embrulhadinhos no passeio, esperando o caminhão da limpeza urbana passar. De fato, não passou meia-hora, lá estavam os incansáveis lixeiros jogando para dentro do metal nauseabundo, pilhas e mais pilhas de uma poesia de razoável qualidade. Ricardo observava a tudo, da janela do terceiro andar. Um gostinho de vingança salivava na boca. Não se conteve em repetir a máxima do imperador Nero, com uma altivez ausente por tantos meses: “Que artista perde o mundo!”. Fechou a cortina.

A FOGUEIRA

Assim queimando velharias
cartas, desenhos e rabiscos
planos e canções e discos
desengasgo anos de agonia

Tanto penei — agora me liberto
e honro meio louco meio bobo
a natureza da fumaça e do fogo
Laços de memória desaperto

Estando eu aquém de mim
o que sou é um recomeço
Estando eu além, vou assim
no que sou e que desconheço

o mundo como vontade de
chupar laranjas (2014)

v i s t a



dicionário

machado de assis

Editora Garnier, Rio de Janeiro, 1899

Era uma vez um tanoeiro, demagogo, chamado Bernardino, o qual em cosmografia professava a opinião de que este mundo é um imenso tonel de marmelada, e em política pedia o trono para a multidão. Com o fim de a pôr ali, pegou de um pau, concitou os ânimos e deitou abaixo o rei; mas, entrando no paço, vencedor e aclamado, viu que o trono só dava para uma pessoa, e cortou a dificuldade sentando-se em cima.

— Em mim, bradou ele, podeis ver a multidão coroada. Eu sou vós, vós sois eu.

O primeiro ato do novo rei foi abolir a tanoaria, indenizando os tanoeiros, prestes a derrubá-lo, com o título de Magníficos. O segundo foi declarar que, para maior lustre da pessoa e do cargo, passava a chamar-se, em vez de Bernardino, Bernardão. Particularmente encomendou uma genealogia a um grande doutor dessas matérias, que em pouco mais de uma hora o entroncou a um tal ou qual general romano do século IV, Bernardus Tanoarius; — nome que deu lugar à controvérsia, que ainda dura, querendo uns que o rei Bernardão tivesse sido tanoeiro, e outros que isto não passe de uma confusão deplorável com o nome do fundador da família. Já vimos que esta segunda opinião é a única verdadeira.

Como era calvo desde verdes anos, decretou Bernardão que todos os seus súditos fossem igualmente calvos, ou por natureza ou por navalha, e fundou esse ato em uma razão de ordem política, a saber, que a unidade

moral do Estado pedia a conformidade exterior das cabeças. Outro ato em que revelou igual sabedoria, foi o que ordenou que todos os sapatos do pé esquerdo tivessem um pequeno talho no lugar correspondente ao dedo mínimo, dando assim aos seus súditos o ensejo de se parecerem com ele, que padecia de um calo. O uso dos óculos em todo o reino não se explica de outro modo, senão por uma oftalmia que afligiu a Bernardão, logo no segundo ano do reinado. A doença levou-lhe um olho, e foi aqui que se revelou a vocação poética de Bernardão, porque, tendo-lhe dito um dos seus dois ministros, chamado Alfa, que a perda de um olho o fazia igual a Aníbal, — comparação que o lisonjeou muito, — o segundo ministro, Ômega, deu um passo adiante, e achou-o superior a Homero, que perdera ambos os olhos. Esta cortesia foi uma revelação; e como isto prende com o casamento, vamos ao casamento.

Tratava-se, em verdade, de assegurar a dinastia dos Tanoarius. Não faltavam noivas ao novo rei, mas nenhuma lhe agradou tanto como a moça Estrelada, bela, rica e ilustre. Esta senhora, que cultivava a música e a poesia, era requestada por alguns cavalheiros, e mostrava-se fiel à dinastia decaída. Bernardão ofereceu-lhe as coisas mais suntuosas e raras, e, por outro lado, a família bradava-lhe que uma coroa na cabeça valia mais que uma saudade no coração; que não fizesse a desgraça dos seus, quando o ilustre Bernardão lhe acenasse com o principado; que os



YOGROUND
Yogaterapia e
Filosofia Clínica

Elizabeth Costa Alves
Filósofa Clínica
Reg. SE-0139/13A

Rua Mariano Procópio, 698 - Sala 105
Bairro João Pinheiro - BH - MG
Telefones: (31) 3017-4238 | 9 9904-2864
elizabeth@yoground.com

tronos não andavam a rodo, e mais isto, e mais aquilo. Estrelada, porém, resistia à sedução.

Não resistiu muito tempo, mas também não cedeu tudo. Como entre os seus candidatos preferia secretamente um poeta, declarou que estava pronta a casar, mas seria com quem lhe fizesse o melhor madrigal, em concurso. Bernardão aceitou a cláusula, louco de amor e confiado em si: tinha mais um olho que Homero, e fizera a unidade dos pés e das cabeças.

Concorreram ao certâmen, que foi anônimo e secreto, vinte pessoas. Um dos madrigais foi julgado superior aos outros todos; era justamente o do poeta amado. Bernardão anulou por um decreto o concurso, e mandou abrir outro; mas então, por uma inspiração de insigne maquiavelismo, ordenou que não se empregassem palavras que tivessem menos de trezentos anos de idade. Nenhum dos concorrentes estudara os clássicos: era o meio provável de os vencer.

Não venceu ainda assim porque o poeta amado leu à pressa o que pôde, e o seu madrigal foi outra vez o melhor. Bernardão anulou esse segundo concurso; e, vendo que no madrigal vencedor as locuções antigas davam singular graça aos versos, decretou que só se empregassem as modernas e particularmente as da moda. Terceiro concurso, e terceira vitória do poeta amado.

Bernardão, furioso, abriu-se com os dois ministros, pedindo-lhes um remédio pronto e enérgico, porque, se não ganhasse a mão de Estrelada, mandaria cortar trezentas mil cabeças. Os dois, tendo consultado algum tempo, voltaram com este alvitre:

— Nós, Alfa e Ômega, estamos designados pelos nossos nomes para as coisas que respeitam à linguagem. A nossa idéia é que Vossa Sublimidade mande recolher todos os dicionários e nos encarregue de compor um vocabulário novo que lhe dará a vitória.

Bernardão assim fez, e os dois meteram-se em casa durante três meses, findos os quais depositaram nas augustas mãos a obra acabada, um livro a que chamaram Dicionário de Babel, porque era realmente a confusão das letras. Nenhuma locução se parecia com a do idioma falado; as consoantes trepavam nas consoantes, as vogais diluíam-

se nas vogais, palavras de duas sílabas tinham agora sete e oito, e vice-versa, tudo trocado, misturado, nenhuma energia, nenhuma graça, uma língua de cacos e trapos.

— Obrigue Vossa Sublimidade esta língua por um decreto, e está tudo feito.

Bernardão concedeu um abraço e uma pensão a ambos, decretou o vocabulário, e declarou que ia fazer-se o concurso definitivo para obter a mão da bela Estrelada. A confusão passou do dicionário aos espíritos; toda a gente andava atônita. Os farsolas cumprimentavam-se na rua pela novas locuções: diziam, por exemplo, em vez de: Bom dia, como passou? — Pflerrgpxx, rough, aa? A própria dama, temendo que o poeta amado perdesse afinal a campanha, propôs-lhe que fugissem; ele, porém, respondeu que ia ver primeiro se podia fazer alguma coisa. Deram noventa dias para o novo concurso e recolheram-se vinte madrigais. O melhor deles, apesar da língua bárbara, foi o do poeta amado. Bernardão, alucinado, mandou cortar as mãos aos dois ministros e foi a única vingança. Estrelada era tão admiravelmente bela, que ele não se atreveu a magoá-la, e cedeu.

Desgostoso, encerrou-se oito dias na biblioteca, lendo, passeando ou meditando. Parece que a última coisa que leu foi uma sátira do poeta Garção, e especialmente estes versos, que pareciam feitos de encomenda:

O raro Apeles, Rubens e Rafael, inimitáveis Não se fizeram pela cor das tintas; A mistura elegante os fez eternos.



DESPERTAR



R. República Argentina, 770 - Sion - 3281-1773

www.despertaronline.com.br / iedespertar@gmail.com

PROJETO JARDINS DE DRUMMOND
Praça Lucas Machado
Belo Horizonte cada vez mais bonita e verde!
A Certmidia adota a Praça Lucas Machado, na esquina de
Av. Brasil com Av. Francisco Sales.

ICP Brasil
certmidia
CERTIFICADO DIGITAL
www.certmidia.com.br

Certmidia,
nos Jardins
de Drummond

Desejo a você
Fruto do mato
Cheiro de jardim
Namoro no portão
Domingo sem chuva
Segunda sem mau humor
Sábado com seu amor

Carlos Drummond de Andrade



Por não estarem distraídos

Clarice Lispector

A Descoberta do mundo: crônicas

Havia a levíssima embriaguez de andarem juntos, a alegria como quando se sente a garganta um pouco seca e se vê que, por admiração, se estava de boca entreaberta: eles respiravam de antemão o ar que estava à frente, e ter esta sede era a própria água deles. Andavam por ruas e ruas falando e rindo, falavam e riam para dar matéria e peso à levíssima embriaguez que era a alegria da sede deles. Por causa de carros e pessoas, às vezes eles se tocavam, e ao toque – a sede é a graça, mas as águas são uma beleza de escuras – e ao toque brilhava o brilho da água deles, a boca ficando um pouco mais seca de admiração. Como eles admiravam estarem juntos! Até que tudo se transformou em não. Tudo se transformou em não quando eles quiseram essa mesma alegria deles. Então a grande dança dos erros. O cerimonial das palavras desacertadas. Ele procurava e não via, ela não via que ele não vira, ela que, estava ali, no entanto. No entanto ele que estava ali. Tudo errou, e havia a grande poeira das ruas, e quanto mais erravam, mais com aspereza queriam, sem um sorriso. Tudo só porque tinham prestado atenção, só porque não estavam bastante distraídos. Só porque, de súbito exigentes e duros, quiseram ter o que já tinham. Tudo porque quiseram dar um nome; porque quiseram ser, eles que eram. Foram então aprender que, não se estando distraído, o telefone não toca, e é preciso sair de casa para que a carta chegue, e quando o telefone finalmente toca, o deserto da espera já cortou os fios. Tudo, tudo por não estarem mais distraídos.



LIVRARIA DO ÁLVARO

(31) 2535-1901 / 99579-7279

livrariadoalvaro@gmail.com
facebook/livrariadoalvaro
Rua Domingos Vieira, 319, sala 1008
Santa Efigênia, BH.



Editor	Álvaro Gentil
Jornalista responsável	Fernando Righi Marco
Programação visual	Marcelo Xavier
Produção editorial	Délio Esteves
Colaboração	Agustín Arosteguy
Tiragem	1.000 exemplares
Impressão	Fumarc

R. Domingos Vieira, 319, sala 1008 - S. Efigênia, BH
(31) 2535-1901 / 99579-7279